

Congresso Norte-Nordeste de Medicina Intensiva

Aracajú – SE

Título: Morte encefálica: é hora de mudar o diagnóstico?

Autores: George Castro, Julia Nunes Bacelar, Mathias Nunes Bacelar, Maria Aparecida Queiroz Abreu, Roberta Carvalho do Amaral, **André Bogéa Anchieta**

Disciplina de Emergência e Terapia Intensiva – CEUMA Universidade

Serviço de Terapia Intensiva – Hospital Centro Médico Maranhense

DeCS: morte encefálica, terapia intensiva, diagnóstico

Objetivos: Avaliar a opinião de vários especialistas em relação a possíveis alterações no exame clínico de morte encefálica.

Métodos: Trata-se de um estudo transversal descritivo realizado com médicos neurologistas, neurocirurgiões, clínicos, e intensivistas responsáveis pelo diagnóstico clínico de morte encefálica (ME). Foram abordados aspectos relacionados ao número de médicos, obrigatoriedade do segundo exame realizado por neurologistas ou neurocirurgiões e intervalo entre os exames clínicos.

Resultados: Realizou-se uma pesquisa com 100 médicos de São Luís – MA, divididos em grupos de 25 participantes, de quatro especialidades médicas (intensivistas, neurologistas, neurocirurgiões, clínicos). Quando perguntados se apenas um médico deveria realizar os dois exames clínicos para o diagnóstico de ME, 79 (66%) responderam não, se o exame deveria ser realizado por dois médicos independente da especialidade 87 (72,5%) responderam que sim e apenas 13 (27,5%) disseram não. Quanto ao intervalo de tempo mais apropriado entre os exames clínicos, 60 (50%) mudariam para 3 horas, 48 (40%) manteriam em 6 horas, 11 (9%) 12 horas e apenas 1 (1%) mudaria para 24h.

Conclusão: Observou-se que a maioria dos médicos participantes desta pesquisa gostariam que ocorressem mudanças nos critérios diagnósticos, principalmente

no intervalo entre os exames clínicos e na realização do segundo exame clínico por dois médicos independente da especialidade.